

VIOLÊNCIA ESCOLAR: VOZES DE PROFESSORAS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA¹

Vanessa Figueredo Souza²

RESUMO

Nos últimos anos a violência escolar tem sido discutida por diferentes pesquisadores que se debruçam sobre as mais diversas nuances deste problema. Nessa perspectiva, o presente texto se propõe a apreender as percepções de professoras de uma escola pública, sobre a violência escolar. Assim como compreender o fenômeno da violência escolar; de forma a contribuir com as reflexões e possíveis formas de redução. A metodologia de natureza qualitativa utilizou como técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada (escrita), aplicada a quatro professoras que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola localizada no povoado de São Roque, município de Ipirá-Ba. Os principais resultados apontam que a violência presente na escola se revela de diversas formas: agressão física, verbal e emocional, afetando tantos estudantes, como as professoras, o que reverbera no trabalho pedagógico desenvolvido. O ambiente e a comunidade em que a escola está situada também foram considerados como fatores que propiciam a violência. Conclui que é necessário que a escola crie e trabalhe com estratégias para minimizar a violência, bem como o comprometimento da equipe gestora e das instâncias superiores para implantação e efetivação de políticas públicas que possibilitem uma educação mais salutar a comunidade escolar.

Palavras-chave: Assédio nas escolas - São Roque (Ipirá, BA). Escolas municipais - São Roque (Ipirá, BA). Violência na escola - São Roque (Ipirá, BA).

ABSTRACT

In recent years, school violence has been discussed by different researchers who focus on the most diverse nuances of this problem. In this perspective, the present text proposes to apprehend the perceptions of teachers of a public school, about school violence. As well as understanding the phenomenon of school violence; in order to contribute to the reflections and possible forms of reduction. The qualitative methodology used as a data collection technique the semi-structured interview (written), applied to four teachers who work in the early years of Elementary School, in a school located in the village of São Roque, municipality of Ipirá-Ba. The main results indicate that the violence present in the school is revealed in different ways: physical, verbal and emotional aggression, affecting both students and teachers, which reverberates in the pedagogical work developed. The environment and the community in which the school is located were also considered as factors that promote violence. It concludes that it is necessary for the school to create and work with strategies to minimize violence, as well as the commitment of the management team and higher levels to the implementation and effectiveness of public policies that enable a more healthy education for the school community.

Keywords: Harassment in schools - São Roque (Ipirá, BA). Municipal schools - São Roque (Ipirá, BA). Violence at school - São Roque (Ipirá, BA).

¹ Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira Campus Malês (BA), sob orientação da Prof^a Dra. Carla Verônica A. Almeida.

² Graduanda - Licenciatura em Pedagogia - Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira.

Introdução

A discussão sobre violência no espaço escolar tem sido discutida recorrentemente no âmbito da educação ao longo dos últimos anos, considerando que a escola vem sendo espaço de situações cada vez mais violentas, tendo impacto tanto na vida, como na forma de ser de professoras, professores e de estudantes. A instituição escolar é o espaço que deve possibilitar a educação, um ambiente em que os estudantes tenham acesso e permaneçam para aprender não somente conteúdos científicos, mas também, valores sociais e culturais que contribuirão sobremaneira para a produção de conhecimentos.

Diante deste problema social que impacta os diferentes espaços da sociedade, inclusive a instituição escolar, o presente texto pretende trazer reflexões sobre a violência no ambiente escolar, em especial de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública situada no município de Ipirá/Ba. Uma vez que em algumas das escolas pertencentes ao município, tanto alunos, quanto professores têm vivenciado situações e tipos diferenciados de violência, gerando a cada dia, a sensação de insegurança e medo.

O interesse pela temática da violência escolar decorre da escuta atenta a conversas e diálogos sobre situações vivenciadas por pessoas da minha família, as quais atuam como docentes em escolas públicas do município de Ipirá e convivem cotidianamente com situações de violência entre estudantes; estudantes e professores.

Desde a minha infância ouvia relatos de minha mãe, das minhas tias e de meus primos falando sobre as agressões verbais e corporais sofridas em sala de aula e no espaço escolar. As estudantes e os estudantes chegavam à escola com comportamentos alterados, ríspidos e agiam de forma agressiva com atitudes que reverberavam nos professores ou em seus próprios colegas. Nesse contexto, cresci com essa impressão da escola: uma dualidade de um espaço que propõe a educação, mas que também é vulnerável a certas situações violentas.

Assim, movida por esta inquietação e pelo interesse em entender o fenômeno da violência no espaço escolar, intenciono por meio deste estudo saber: Qual a percepção das professoras de uma escola pública do município de Ipirá-Ba, sobre a violência escolar? Para este entendimento, propomos como objetivo geral apreender as percepções de professoras de uma escola pública, sobre a violência escolar.

Para o alcance desta intenção maior, elencamos como objetivos específicos: Analisar a visão de professoras de uma escola pública sobre as relações existentes entre violência e espaço

escolar; Averiguar as formas da manifestação da violência; Levantar as estratégias e as ações para conter a violência no espaço escolar.

Entendemos que a violência escolar vem crescendo a cada momento, como afirmam Marcelino, Galvão e Martins (2017, p.12), ao salientarem que “[...] o aumento de violência na sociedade é um fato que precisa ser tratado e reflete em microssistemas como na escola. Esse modo de se relacionar com as pessoas acaba contaminando até mesmo professores [...]”. Sendo assim, é preciso que as escolas, em parceria com as famílias e as comunidades interna e externa, procurem medidas para o seu enfrentamento, uma vez que atos agressivos prejudicam os diferentes atores sociais da escola.

Outrossim, esse trabalho busca entender a violência escolar, para que assim seja vista estratégias que colaborem para o seu enfrentamento nos espaços escolares e, quiçá, para a sua diminuição no município de Ipirá, especificamente na escola localizada na comunidade de São Roque em Ipirá-Ba.

Breves considerações sobre a Violência

A violência é umas das principais preocupações da sociedade, sendo definida por Assis e Marriel (2010, p. 41) como um fenômeno complexo e multicausal, que atinge todas as pessoas, grupos, instituições e povos, e é produzida por todos. Para os autores “cada termo utilizado para definir a violência conduz a um mundo conceitual, cujos contornos são determinados por uma tradição sociocultural e pela experiência de vida de cada indivíduo”. A violência se expressa de distintas formas, cada qual com suas características e especificidades.

Derivada do latim “violentia”, que significa “veemência, impetuosidade”, de forma ampla podemos pensar a violência como o uso da força física intencional que provoca traumas físicos e/ou psicológicos, podendo em casos extremos, causar a morte. Assim, seja de forma individual ou coletiva, a violência constitui-se como violação da integridade física e psíquica da pessoa humana, através da força física e do constrangimento.

Para demarcarmos a discussão sobre violência escolar, apresentamos o conceito de indisciplina, uma vez que estes conceitos se confundem em vários contextos. Nesse sentido, Parrat-Dayan (2008, p. 21) afirma que a noção de indisciplina se expressa “nas condutas dos estudantes, nas inter-relações com seus pares e com os profissionais no contexto escolar e, ainda, no contexto do seu desenvolvimento cognitivo” Para a autora, um estudante

indisciplinado é aquele que possui uma conduta desviante em relação a uma norma explícita ou implícita.

Na percepção de Abramovay (2004), a violência tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado. Para a autora, não existe uma única percepção do que seja violência, mas multiplicidade de atos violentos, cujas significações devem ser analisadas a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro.

Minayo (2009) salienta que ao conceituar a violência, alguns aspectos devem ser observados, a saber: *fator humano e social*, pois não se conhece uma sociedade que seja totalmente isenta de alguma forma de violência; fator histórico e cultural, considerando formas específicas de manifestação em cada época histórica. A autora prossegue considerando que há violências que se estendem por tempos e por todas as sociedades, como a violência étnico-racial e de gênero, abrangendo todas as classes e os segmentos sociais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) a partir dos estudos de Bronfenbrenner (1996) empregou um modelo para verificar os diferentes níveis da violência, denominado de ecológico. No modelo, em relação aos níveis pode-se compreender que:

No primeiro nível do modelo ecológico, o individual, leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetrador da violência. O nível relacional diz respeito às relações sociais próximas, por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos e membros da família que aumentam o risco para vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa os contextos comunitários das relações, como as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, e busca identificar as características desses cenários associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. Por fim, o último nível do modelo ecológico analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência. (MARRIEL; ASSIS, 2010, p. 42)

O que é apresentado pelas autoras demonstra que são muitos os fatores que influenciam o desenvolvimento de comportamentos violentos ou não. Os atos violentos praticados pelas pessoas, muitas vezes podem vir a desenvolver-se a partir das diferentes situações vivenciadas

no contexto familiar quando crianças, como palmadas e castigos. E neste contexto, elas podem criar, assim, maior probabilidade de serem violentas.

Para Velho (2000, p. 18) o predomínio do individualismo e da impessoalidade contribui para que as relações interpessoais se tornem violentas de tal forma que “a violência vai se rotinizando, deixando de ser excepcional para tornar-se uma marca do cotidiano”. O fato é que a violência acompanha o ser humano ao longo da sua existência e nesse sentido, pode causar impactos negativos no âmbito individual e coletivo.

O problema da violência se apresenta em diferentes âmbitos da sociedade e constitui-se cada vez mais como um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, em espaços públicos e privados, estando seu conceito em constante mutação, uma vez que várias atitudes e comportamentos passaram a ser considerados como formas de violência, inclusive nas instituições de educação, em especial nas escolas.

Violência no Contexto Escolar

A escola é um espaço de encontro de diversidades, um ambiente de diálogo e produção de conhecimento que atualmente, vem confrontando-se com grandes desafios para o enfrentamento e a diminuição de situações violentas em seus distintos espaços.

Nos primórdios da educação no Brasil, os professores eram acusados de agir violentamente nas escolas, com os castigos, a exemplo da ação de alunos ficarem ajoelhados no milho por várias horas, além das punições com o uso de régua para disciplinar os alunos, porém, atualmente, está cada vez mais comum que jovens sejam os maiores causadores da violência nas escolas, sem eximir os professores de suas atitudes. Segundo Rua e Abromavay (2002, p. 25), “a vulnerabilidade da escola a várias violências macrossociais, aumentava também a perda de sua legitimidade como lugar de produção e transmissão de saberes, quando contraposta ao alcance social, ampliação do escopo e do acesso de novos meios de formação”. O fato é que o histórico da violência apresenta fortes marcas na educação, limitando o ensino e tornando difícil a aprendizagem.

A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente, por parte dos professores contra os alunos através de punições e castigos corporais (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.

Ultimamente observamos diversos casos de violência no interior das escolas, situações constrangedoras, traumatizantes e sofredoras, tornando-se desse jeito um problema recorrente neste espaço. Bunn (2019, p. 13) expressa que as questões envolvendo violências nas escolas são amplas e complexas, indo muito além das perspectivas fundamentadas no senso comum, onde a meritocracia e conceitos pré-dispostos de crianças e adolescentes são tidos como a base da análise das ações dos jovens (as) nas escolas.

[...] a violência é um fenômeno social bastante complexo e são várias as definições, as tipologias e as expressões que ela assume no ambiente escolar. As causas e as relações que geram situações violentas na escola desafiam os estudiosos. Alguns estudos acenam, entre outras causas, para a própria estrutura da sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais e econômicas, que afetam a formação de valores e o comportamento das pessoas. (LEITÃO, 2010, p. 239)

Nesse sentido Abromovay (2015) faz uma discussão, mostrando os tipos, o tratamento e a que ponto a violência pode chegar dentro do ambiente escolar, tanto entre os alunos, como professores com os alunos.

Embora, muitas vezes, as agressões verbais sejam compreendidas como fatos menores, “comportamentos típicos de adolescentes e jovens”, elas têm um impacto sobre o sentimento de violência experimentado por alunos, e podem ser uma das portas de violências físicas. Assim, alunos se ofendem com palavrões, apelidos, difamação, insultos, ofensas. Quando se fala sobre as múltiplas violências ocorridas no espaço escolar, fala-se, principalmente, nas brigas aluno-aluno, entretanto, não se pode esquecer que os membros do corpo técnico-pedagógico dos estabelecimentos de ensino também são potenciais vítimas e agressores. Os professores queixam-se de insultos, palavrões, palavras agressivas, acusações, ridicularizações, violência verbal por parte dos pais, entre outras. No entanto, os alunos também se queixam dos professores, exemplificando a maneira agressiva como muitos deles são tratados: arrombada, retardada, burra, marginais, medíocres, imprestáveis, drogados, raça podre, vagabundos, pobres, vadios etc. (ABROMOVAY, 2015, p. 9-10)

As reflexões apresentadas pela autora possibilitam constatar que existem várias maneiras para a violência escolar se manifestar, sejam elas em forma de agressão física, ameaças, humilhações e de outras maneiras, que afetam psicologicamente. A violência depende do que está no interior e no exterior da escola, sendo também vista por diferentes termos, e, acontecendo com professores e estudantes.

A primeira reação das escolas, quando ocorrem situações de violência é acionar o poder público, ou seja, as autoridades competentes. No entanto, pesquisas demonstram que é preciso outras ações alternativas, como o desenvolvimento de projetos sociais, horas de lazer entre os alunos, visando maior contato uns com os outros, em buscas da construção de relações mais harmoniosas. Nessa perspectiva,

Para se vacinar contra a violência, a escola deve transformar-se em lugar de encontro de diversidade cultural, habilitado para formas criativas de solidariedade. Precisa usar todo o potencial estratégico para tecer relações com a comunidade, especialmente a família, tendo os pais como parceiros para tal fim. Nesse núcleo deve ser possível a formação de valores e transmissão de conhecimentos. (ABRAMOVAY, AVANCINI, OLIVEIRA, 2003, p. 51)

O ambiente escolar é uma responsabilidade não só dos professores e diretores, e sim, de todos que se envolvem com o processo de ensino e aprendizagem, como os pais e os próprios estudantes, uma vez que a violência pode tornar-se uma consequência irreversível para todos. Contudo, em várias situações, parece que os pais estão relegando em demasia a responsabilidade para as escolas e os professores.

Um dos fatores que tem contribuído para o aumento deste cenário desafiador é a localização em que a escola se encontra. Quando a mesma está próxima a uma área violenta, os estudantes que ali se encontram ficam mais vulneráveis e podem tornar-se facilmente reprodutores de comportamentos violentos. Ou seja, geralmente as condições de vida dos estudantes também têm impacto direto sobre os seus comportamentos. Como afirmam Marriel e Assis:

Embora a violência que ocorre no seio da família, na comunidade e a decorrência das condições de vida sejam reconhecidas e se manifestem sobre a vida dos estudantes das instituições públicas e privadas, as escolas pouco têm conseguido atuar diante das dificuldades por eles vivenciadas [...] o que comumente dificulta o aprendizado e o pleno desenvolvimento do aluno.

(MARRIEL, ASSIS, 2010, p. 55)

Entretanto, o problema da violência escolar não está apenas dentro da estrutura da escola, encontra-se também no seu entorno. Caso este seja violento e inseguro, com a presença de gangues e do tráfico de drogas, deixa muitas vezes, a comunidade interna da escola com receio de buscar soluções, por não saberem à proporção que pode tomar a situação. A

vulnerabilidade da localização onde a escola está inserida requer providências e estratégias que possibilitem amenizar a violência.

Ainda sobre a localização da escola e a comunidade local, outro fator motivador da violência escolar apontado por Rua e Abramovay (2002) é “a estrutura física dos estabelecimentos escolares. [...] o controle da entrada e saída dos alunos e a disposição e qualidade das instalações físicas, que torna mais ou menos vulnerável o acesso ao interior das escolas”. E nesse sentido, o acesso de pessoas estranhas à escola pode tornar-se o alvo da violência.

Nos últimos anos, chama a atenção o aumento ou registro de atos delituosos e de pequenas e grandes incivildades nas escolas, o que justifica o sentimento de insegurança dos que a frequentam. A escola não seria mais representada como lugar seguro de integração social, de socialização. Não é mais espaço resguardado. Ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. (RUA; ABRAMOVAY, 2002, p. 27)

Diante deste cenário, faz-se necessário que o poder público federal, estadual e municipal, invista tanto em formação para os professores, objetivando maiores condições para o trato da questão em sala de aula ou em outros ambientes escolares, como também, investimento em estrutura das escolas, buscando maior segurança. Como bem destacam as autoras:

O enfrentamento e a superação da violência na escola dependem do posicionamento de ‘todos os atores’ que nela atuam. Especialmente o Ministério e as secretarias de Educação, os diretores, os professores, os funcionários, os alunos e seus familiares, bem como os parceiros comunitários, ONGs, conselhos, empresas e a sociedade em geral têm papel na discussão crítica e na proposição de melhores condições para o ensino no país. (MARRIEL; ASSIS, 2010, p. 61)

Desse modo, tanto os professores quanto pais, alunos e toda a comunidade escolar precisam se unir para o desenvolvimento de estratégias e de ações para o combate à violência. Conforme os autores ressaltam, apenas o poder público não tem poder para combater as ocorrências de violência. A violência causa muitos impactos, principalmente em relação a perda de credibilidade por parte da escola, ampliando a evasão escolar e, também, fazendo com que os professores percam o interesse por seu trabalho e até mesmo, o abandone.

Ademais, a violência escolar pode acontecer tanto física como psicológica, sendo então marcadas de formas diferentes. Nesse sentido, “a literatura nacional contempla não apenas a

violência física, mas acentua a ética, a política e a preocupação em dar visibilidade às violências simbólicas” (RUA; ABRAMOVAY, 2002, p. 22). Muitos apenas ficam traumatizados e com o emocional abalado quando ocorre psicologicamente, não demonstrando marcas, como ocorre de fato com a física que fica visivelmente e perceptível para todos. Entretanto, a psicológica é detectada apenas por pessoas que estão ao redor de quem sofre ou quando a vítima quer falar, o que piora muitos casos, pois, isso leva a sérios problemas para a vida da pessoa.

Menezes (2013), em estudo realizado, sinaliza que a solução para o problema da violência nas escolas, envolve uma aliança estratégica entre professores, pais, estudantes, o poder público e a sociedade. Para a pesquisadora é preciso desenvolver dentro de cada escola, projetos de esclarecimento, prevenção e combate à violência; mas que para terem sucesso, precisam do apoio das famílias e da comunidade.

Dessa forma, a escola está vivenciando um momento em que pela evasão e pela falta de interesse de muitos jovens, estão deixando de lado seus estudos, uma vez que “as escolas deixaram, de certa forma, de representar um local de amparo, seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade”. (RUA; ABRAMOVAY, 2002, p. 13).

Quando efetivamente a escola tem um vínculo com a comunidade, a capacidade de amenizar e combater a violência pode se configurar de forma exitosa pois, o trabalho e as ações desenvolvidas em conjunto poderão amenizar é capaz de propor projetos em conjunto, como desenvolver atividades artísticas e esportivas, que faz com que os estudantes tenha interesse, e assim amenizar esse fato constante que está ocorrendo, pois é perceptível que apenas as aulas dentro de sala de aula não estão sendo capazes de educar os alunos.

Cabe ressaltar que a falta de recurso, de estrutura e de capacitação para preparar os professores para lidar com a realidade da escola, torna o problema agravante, pois, os professores ficam sem saber o que fazer diante das situações. A escola é o ambiente que deve propor uma educação e conseqüentemente o ensino aprendizagem da melhor forma possível, possibilitando a formação de estudantes autônomos e críticos mesmo vivendo em uma realidade adversa, onde os fatores sociais nem sempre contribuem para esta consolidação. O que demanda inclusive da formulação de políticas públicas ao combate da violência no contexto escolar.

Caminhos Metodológicos

Esse trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa a qual, segundo Silveira e Córdova (2009), não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Para as autoras, os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas, nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Nesse sentido, a entrevista semiestruturada foi escolhida como técnica de coleta de dados por permitir uma maior diversidade de informações e dados que colaborem com o estudo. De acordo com Brito e Feres (2011), a entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico, se combinada com outros métodos de coleta de dados, como, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação. A entrevista pode assumir diferentes formas, mas, independente da forma, cada uma delas exige do entrevistador habilidades e diversos cuidados na sua condução, frente ao entrevistado.

Para este estudo, a entrevista contou com um roteiro previamente elaborado com questões que possibilitaram a apreensão da percepção de quatro professoras que atuam em uma escola pública localizada no Povoado São Roque, no município de Ipirá-Ba, sobre a violência escolar. A entrevista ocorreu apenas com professoras, pelo fato da escola ter apenas mulheres trabalhando em sala de aula. Foi realizada de forma escrita (com a autorização das participantes), e após a conferência das informações pela pesquisadora e as docentes entrevistadas, procedemos a análise e discussão dos dados.

A escola em que atuam as professoras está localizada em uma zona rural com uma população e estrutura muito pequenas, em meio a outros vilarejos. A escolha pelo *lócus*, decorreu de uma opção pessoal por serem as professoras pertencentes a minha família e atuarem neste espaço, convivendo com a realidade da violência escolar. A instituição funciona no período da manhã e da tarde e conta com uma equipe formada por uma diretora, uma secretária, e seis professoras. A instituição sofre com a carência de vários aspectos ao seu melhor desenvolvimento, dentre eles a falta de merenda, suporte tecnológico e a constante falta de água.

Foto 01: Fachada de entrada da Escola

Foto: Rozeli Santos

Foto 02: Área de convivência da Escola

Foto: Rozeli Santos

Foto 03: Sala de aula da Escola

Foto:Rozeli Santos

Ainda sobre a estrutura pedagógica, a escola conta com cinco salas, uma área de convivência e atende as crianças da Educação Infantil e do Ensino Fundamental – anos iniciais. Por ter uma estrutura com salas pequenas, as turmas têm em média de 15 a 20 estudantes.

Violência na escola: o que dizem as professoras

Para atingir os objetivos do presente estudo, optamos por entrevistar professoras que atuam no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Cabe salientar que em função do período de isolamento social decorrente da pandemia pela COVID 19, a escola não está funcionando com aulas. Contudo, as professoras estavam preparando atividades a serem entregues as estudantes e aos estudantes. Assim, atendendo ao protocolo de distanciamento necessário, bem como o uso de máscara por todas, e pela pesquisadora, as entrevistas impressas foram entregues a cada uma delas e em seguida, foram lidas oralmente para a conferência das respostas e possíveis pontos

que desejassem acrescentar. As respostas foram transcritas no momento da entrevista e posteriormente, os dados foram analisados. O quadro a seguir, apresenta os dados referentes às docentes pelo sobrenome.

Quadro 01: Perfil das participantes da Pesquisa

Professora	Idade / Sexo	Formação	Tempo de magistério	Tempo de atuação na escola
Santos	57	Pós graduada	34	30
Gomes	59	Magistério	35	30
Azevedo	62	Magistério	30	30
Souza	41	Pós graduada	21	15

Fonte: elaborado pela autora da pesquisa

Das quatro professoras participantes deste estudo, duas já concluíram a pós graduação, e as outras duas tem a formação do magistério. Observamos que todas têm um longo tempo de atuação na docência, e pela idade e pelo tempo de atuação, depreendemos que a inserção no magistério ocorreu ainda quando estavam bem jovens.

Ao iniciarmos a entrevistas procuramos saber inicialmente qual a percepção das professoras sobre violência; como respostas: *Violência é tudo aquilo que é praticado contra o outro de maneira que possa machucar ou coagir, ou até mesmo feita psicologicamente* (Prof.^a Santos); *Violência é um mal que faz as pessoas praticarem alguma coisa, como um ato contra o outro a até mesmo contra a si próprio, ou ao patrimônio* (Prof.^a Azevedo); *Violência são as atitudes bárbaras que atingem a uma pessoa, podendo ter sequelas ou danificando algo. Ela pode acontecer por meio de atos, palavras, gestos* (Prof.^a Souza); *Violência são os atos e atitudes que podem destruir ou abalar uma pessoa, uma estrutura ou até mesmo um lugar. Entendo que violência pode destruir e atrapalhar a vida de muitas pessoas.* (Prof.^a Gomes).

Os relatos apontam que são muitos os entendimentos acerca da violência, o que revela a polissemia do conceito por seus vários sentidos, sejam eles físicos, verbais, patrimoniais, dentre outros e que se fazem presentes em vários contextos. Tal entendimento nos levou a questionar as docentes sobre a relação entre a violência e o espaço escolar. Duas professoras

sinalizaram que no espaço escolar são muitas as formas de violência, até mesmo pela quantidade de pessoas que frequentam o ambiente, o que pode propiciar a *violência na escola, contra a escola e a violência da escola, que são diferentes situações que podem ocorrer e ser considerado violência.* (Prof.^a Souza)

O espaço escolar está propenso a acontecer muita coisa. Assim como é o espaço de se educar e aprender, é o local onde ocorrem muitas ofensas e muitas brigas. Desde que estejam presentes muitas pessoas em um determinado espaço, pode existir relação com a violência; e com o espaço escolar não tem diferença. Isso pelo fato de que muitas crianças têm atitudes de ofender, bater, xingar, e hoje em dia o que se tornou mais comum nas escolas foram os atos de violência, principalmente se a comunidade for inserida em um espaço violento. (Prof.^a Azevedo)

As professoras acrescentam que a depender da comunidade onde a escola está inserida, a motivação à violência se estende para o espaço interno da instituição, como afirmam as professoras Gomes e Santos:

A violência está presente no espaço escolar, pelo fato de que a escola está situada em uma comunidade que apresenta altos índices de violência, e isso contribui para trazer para este espaço atitudes violentas, levando a uma relação que consiste em muitas brigas e ameaças. (Prof.^a Gomes)

O espaço escolar pode ser um local que pode causar divergência, ou até mesmo pode ser onde as pessoas que tem divergências se encontrem, e assim vir a praticar violência. Mas nem só isso: se a escola estiver localizada em um ambiente que é comum ocorrer violência, vai haver uma relação existente entre a violência e o espaço escolar, pelo fato de que as pessoas que frequentam a escola já são acostumadas a praticar a violência. E mesmo que a escola lute contra os atos violentos haverá uma resistência e uma dificuldade, pois para eles a realidade da comunidade já é a violência. (Prof.^a Santos)

Os elevados índices de violência em determinadas comunidades, estimulam o comportamento agressivo de crianças e jovens, desencadeando sérios problemas nas relações interpessoais escolares, gerando em muitos momentos um clima de medo e tensão “[...] que transcende o fato isolado e esporádico, convertendo-se em um problema escolar de grande relevância, porque afeta as estruturas sociais pelas quais deve ser realizada a atividade educativa” (FERNÁNDEZ, 2004, p.29). Para as professoras, a relação entre a escola e a violência está no contexto e no local em que a escola está inserida; e nesse sentido devem ser considerados todos os aspectos que rodeiam a escola e como as pessoas agem.

Neste cenário, as docentes são unânimes em afirmar que a localidade em que se encontra a escola contribui significativamente para a violência. Rua e Abramovay (2002, p. 13), afirmam que “as escolas e suas imediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano”. Tal assertiva dialoga com a fala das professoras, uma vez que para elas, as crianças e os adolescentes são o reflexo do que veem e assim reproduzem muitas vezes, o que vivenciam em seu convívio familiar e comunitário. Desta forma asseveram que as agressões são reflexos da educação que os estudantes recebem em casa e reproduzem na escola e na sala de aula. Assim como acreditam que para a reversão deste quadro é necessário o apoio, a responsabilidade e compromisso da família.

De maneira geral as professoras relatam que no contexto da escola em que trabalham, as formas mais comuns da violência são agressão entre colegas e contra professoras e professores, prática do *bullying*, ameaças, vandalismo, brigas e depredação das instalações escolares. Contudo, três delas apontam a prática do *bullying* como a principal violência, enquanto a ameaça foi sinalizada por todas, uma vez que para elas a pessoa ameaçada sofre mais com a situação, pois vive com o medo diário sem saber o que pode acontecer, fica sempre achando que algo de ruim pode vir acontecer, e assim sempre vive constrangida.

As diferentes ações de violência verificadas na instituição escolar também recaem em várias situações sobre as professoras que conjuntamente afirmaram já terem sofrido agressões em sala de aula, como revelam as suas falas: *já fui enforcada, mordida, ameaçada, já recebi tapas, beliscões, chutes* (Prof.^a Santos); *Ameaças, os alunos já trouxeram objetos perigosos para sala para me ameaçar e ameaçar os colegas, já me bateram na sala, xingaram, deram empurrões* (Prof.^a Gomes); *Já recebi tapas, murros, empurrões, ameaças* (Prof.^a Azevedo); *Foram tapas, mordidas, empurrões, ameaças* (Prof.^a Souza). Observamos que são muitas as formas de violência, tanto física, como verbal, o que sobremaneira impacta a relação entre as professoras e as/os estudantes, assim como podem conduzir a um estado de adoecimento psicológico das docentes.

Segundo Abramovay (2005, p. 106), “A falta de respeito, a indiferença à presença do professor e a desconsideração pelo poder dos docentes na escola são pontos de tensão no relacionamento entre alunos e professores”. Para a autora, o drama de precisar conviver com a violência física e psicológica na escola está presente em muitos relatos de educadores de todo o Brasil. Alguns superaram o trauma, outros não conseguem voltar as suas atividades escolares.

Mesmo diante de tantas ameaças e agressões, as professoras buscam discutir o tema da violência em suas salas de aula, criam projetos e propõem atividades mas pontuam que a Violência não está inserida no currículo da escola e só é trabalhada em momentos pontuais e de forma isolada por cada uma delas. Podemos pensar que há um certo silenciamento da escola ao não contemplar em sua proposta pedagógica curricular o tema da violência. O que impacta sobremaneira no processo de ensino e aprendizagem; como assinalado pelas entrevistadas:

O ambiente de violência atrapalha muito na aprendizagem. As crianças não conseguem ter atenção, não tem interesse, desenvolvimento... Quem pratica a violência tem baixo desenvolvimento, e quem é agredido atrofia o desenvolvimento e seus estudos. E muitas das vezes atinge a turma toda, o impacto não fica apenas entre o agredido e o agressor. É muito difícil manter toda a turma quieta quando ocorrem situações de violência em sala, ou até mesmo fora da sala. (Prof.^a Souza)

O impacto é muito, isso porque quando existe a violência na escola, os alunos não se desenvolvem. Vem o medo, a insegurança, a professora tem medo, os pais dos alunos têm medo... É uma situação constrangedora, o aluno não aprende, não estuda, diminui a frequência, e acaba que dificultando o ensino e aprendizagem e muitas vezes leva até a evasão escolar. (Prof.^a Azevedo)

Os alunos não têm interesse, perdem a vontade de estudar. Os que praticam a violência atrapalham os que querem estudar; as crianças da turma têm medo e ficam inibidas para se desenvolverem, levando ao baixo rendimento de toda turma. (Prof.^a Gomes)

Com a violência presente na escola, na sala de aula, os alunos ficam com medo de ficar na sala, de ir para escola. Os que praticam a violência não aprendem e não se desenvolvem. E os que sofrem a violência acabam ficando inibidos, outros evadem da escola. E isso interfere até mesmo na prática do professor que às vezes fica repreendido de tomar algumas atitudes na sala e assim diminui o processo de ensino e aprendizagem. (Prof.^a Santos)

São muitos os impactos da violência no processo de ensino e aprendizagem, apontados pelas docentes, atingindo a todas e todos envolvidos na relação; o que provoca tensão, medo, inibição, desinteresse, baixo rendimento, levando muitas vezes à evasão. Nesse contexto “as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes” (LOPES, s/d, p. 6). Assim, aliar conteúdos significativos e que dialoguem com a realidade das crianças e jovens e uma formação adequada as professoras e aos professores pode contribuir para o enfrentamento dos desafios impostos ao ambiente escolar.

O compromisso de toda a equipe escolar na busca de possibilidades e estratégias pedagógicas torna-se fundamental para o desenvolvimento de práticas educativas em sala de aula, visando despertar maior interesse dos estudantes. Nesta perspectiva, ao se referirem as estratégias utilizadas para a melhoria do processo de ensino aprendizagem das crianças e jovens no contexto de violência escolar, as docentes revelam:

Orientá-los e conversar para fazer com que possam estudar, encaminhá-los para os órgãos competentes, chamar a família para conversar... Tentamos fazer palestras (Prof.^a Santos)

Incentivos, combinados, palestras... Mas mesmo assim, ainda falta suporte da Secretaria da Educação, pois a comunidade acoberta muitos casos que ocorrem, e nos dias de hoje já existe muito suporte que pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos que convivem com a violência, e ajudar os professores a fazer estratégias para buscar combater essas situações (Prof.^a Gomes)

Os professores não têm muito apoio dos órgãos competentes, acabam tendo que fazer trabalho só. E isso fica difícil diante de uma situação tão agravante que prejudica tanto os alunos, e seu processo de aprendizagem, mas, sempre se busca pensar em caminhos alternativos que não deixe a violência atingir a sala de aula. Em conjunto com a diretora, pensamos em projetos, aulas, palestras, debates, cartazes conscientizando sobre essa situação. (Prof.^a Azevedo)

Os professores não têm muito apoio para buscar por estratégias, mas tentam fazer o melhor. Quando podem, buscam pelos órgãos competentes que podem ajudar a acabar com a violência. Levamos para a sala discussão e exemplos sobre situações de violência escolar para tentar conscientizar sobre esse mal. Palestras e ensinamentos que levem a entender que a violência não traz bem nenhum. (Prof.^a Souza)

As falas sinalizam que o diálogo é uma das principais estratégias para minimizar a violência e os seus efeitos; além do desenvolvimento de ações e atividades diversas relacionadas ao tema. Cabe salientar que “A escola tem várias formas de organizar a proposta e o trabalho pedagógico: o projeto político pedagógico, a organização curricular, o planejamento das aulas, o plano de trabalho, a programação de eventos pedagógicos, entre outros” (LEITÃO, 2010, p. 239). Como podemos perceber, são várias as possibilidades pedagógicas que poderão assessorar a equipe da escolar, bem como o corpo docente. No entanto as professoras registram que não têm apoio dos órgãos competentes, a exemplo da Secretaria de Educação.

Por meio dos relatos das professoras, fica claro que a violência escolar é um grave problema que afeta a comunidade interna da escola, cujos efeitos impactam diretamente nas relações interpessoais, em especial entre as(os) estudantes entre si e com as professoras. O processo ensino aprendizagem também fica sobremaneira comprometido, provocando o baixo aproveitamento escolar. As estratégias utilizadas ainda são incipientes para a reversão da situação, o que demanda uma maior articulação e envolvimento da instituição e dos órgãos competentes. É necessário um suporte que colabore com essas professoras, para que possam desenvolver uma prática pedagógica que atenda a demanda das estudantes e dos estudantes por meio de “[...] formas que expressem a concepção de educação e de ser humano que se quer formar” (LEITÃO, 2010, p. 239).

Considerações Finais

A sociedade atual tem vivido sérios problemas referentes à violência, o que reflete de forma significativa nas diferentes esferas sociais, a exemplo da educação. Consideramos que a violência presente nas escolas sofre várias influências e são originadas por fatores de diferentes ordens: cultura e localização do ambiente, relações interpessoais, dentre outros. Neste estudo buscamos apreender as percepções de um grupo de professoras de uma escola pública, sobre a violência escolar.

A partir dos relatos das docentes foi possível perceber que a violência está muito presente na escola em que as professoras atuam. As relações estabelecidas no ambiente escolar impactam significativamente as crianças, os jovens e as professoras, instala o medo e atenção, inibe as vítimas e causa desinteresse, baixo rendimento e possível evasão.

A questão da violência é trabalhada de forma pontual pelas professoras a partir de algumas estratégias educativas pedagógicas, mesmo estando tão presente na escola. O que demanda maiores investimentos da equipe gestora e das instâncias superiores com efetivação de políticas públicas voltadas a solução do problema.

É necessário fazer com que os professores tenham dimensão dos diferentes fatores que propiciam a violência e sua complexidade no espaço escolar, elaborem medidas e estratégias, junto as estudantes e os estudantes para o enfrentamento da violência, contemplando esta abordagem no currículo escolar a ser trabalhado em todo o período letivo.

Em geral, as professoras afirmam que fazem o que está ao seu alcance, e que a escola não tem o apoio necessário para combater a violência. Entendemos que a escola é o espaço que deve trabalhar a realidade, o contexto local, com vistas a possibilitar aos estudantes melhores condições de aprendizagem em um ambiente salutar e harmonioso. Lidar com uma escola que se encontra em um ambiente de violência é algo muito complexo, que exige muito compromisso e responsabilidade de toda a equipe escolar, bem como da comunidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

ABRAMOVAY, Miriam. **Cotidiano das escolas: entre violências**, Brasília: UNESCO. Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000179.pdf>

ABRAMOVAY, Miriam. **Programa de prevenção à violência nas escolas**, 2015.
BAHIA. **História de Ipirá**. Disponível em: <http://ipiranoticias.xpg.uol.com.br/historia.htm>
Acesso em: 26 nov. 2019

BRITTO, Álvaro F. J.; FERES, Nazir Feres J. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

BUNN, Maria Fernanda Schmitt. **Contextos Violentos e seus impactos na Escola**. Florianópolis, 2019.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da violência e solução de conflitos: O clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo, Madras, 2004.

LEITÃO, Cleide. Elaborando um Projeto de Intervenção Local para Enfrentar a Violência na Escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / FIOCRUZ, 2010.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/15348.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2020.

MARRIEL, Nelson de Souza Motta; ASSIS, Simone Gonçalves de. **Reflexões sobre**

Violência e suas Manifestações na Escola. In: ASSIS, Simone Gonçalves de (org.) **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

MARCELINO, Beatriz Silva; GALVÃO, Rafaela Cristina; MARTINS, Thayna Borges Muchilo. **Conceito de violência no âmbito escolar: visão de alunos e professores**. Monografia. UniSALESIANO, 2017.

MENEZES, Livia. **Violência escolar: o professor sob ameaça**. Suplemento Especial / Folha Dirigida. Out, 2013. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/d/sistema/publicacoes/571/arquivo/pagina-16.pdf>> Acesso em: 14 jun. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, Kathie *et. al.* **Impactos da violência na saúde**. Organizado por. - 2 ed. – Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 2009.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2008.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Orgs.). **Cidadania e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editoras UFRJ/FGV, 2000. p. 11-25.